

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO TEOLOGICA PARA O MINISTÉRIO PASTORAL.

Simone Ribeiro de Almeida¹

Me. Roberto Rohregger²

RESUMO

A falta de formação teológica entre pastores pode representar um problema para a interpretação bíblica e a devida contextualização com os dilemas que ocorrem na sociedade moderna. Através dos pais da igreja pode-se ter acesso ao entendimento relacionado a função da teologia e seu relacionamento com a função pastoral. É preciso, também, conhecer os desafios que os pastores têm enfrentado nos dias atuais, tais como a pregação e a responsabilidade pelo ensino das Escrituras, e para a formação de uma teologia pública que vá ao encontro dos problemas da sociedade. Desta forma verifica-se a relevância e a necessidade do conhecimento e formação teológica contínua para que o pastor possa ensinar a igreja e cumprir responsabilmente com o ofício do pastorado.

PALAVRAS-CHAVES: Teologia, Teologia Pública, Formação teológica.

ABSTRACT

The lack of theological training among pastors may represent a problem for a biblical interpretation and a proper contextualization with the dilemmas that occur in modern society. Through the fathers of the church one can have access to the understanding related to the function of theology and its relationship with a pastoral function. It is also necessary to know the challenges that the pastors have faced today, such as preaching and a responsibility for the teaching of the Scriptures, and for a formation of a public theology that meets the problems of society. In this way there is a relevance and a need for continuous theological knowledge and formation so that the pastor can teach a church and fulfill responsibly with the office of the pastorate.

KEYWORDS: Theology, Public Theology, Theological formation.

1 Bacharelada no curso de Teologia (Faculdade Teológica Betânia – FATEBE), missionária e líder de base (Jovens Com Uma Missão – JOCUM, Almirante Tamandaré, Pr.)

2 Mestre em Bioética (Pontifícia Universidade do Paraná (PUCPr). Especialista em Teologia do Novo Testamento pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR). Especialista em Psicoteologia e Bioética pela Faculdade Evangélica do Paraná (FEPAR). Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná (FEPAR) e pelo Seminário Teológico Betânia de Curitiba (SEMIBC). Professor da Faculdade Teológica Betânia (FATEBE) – contato: roberto.r67@gmail.com

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste artigo é identificar a importância que a teologia tem em relação ao ministério pastoral, buscando apresentar o conceito de teologia e a o seu papel na história da igreja onde teve início e o porquê da necessidade do labor teológico. Em segundo lugar apresentar as principais mudanças na relação entre a teologia e o pastoreio ao longo da história, e por último, identificar os benefícios da teologia, demonstrando que cabe ao pastor o comprometido com a reflexão e construção teológica, para em levar uma mensagem bíblia contextualizada e firmada nos ensinamentos deixados por Cristo.

Como método norteador desta pesquisa optamos por iniciar buscando nos pais da igreja as referências sobre o entendimento do ministério pastoral. Foram os pais da igreja que começaram a desenvolver a teologia de forma mais sistemática e principalmente de forma apologética. Na pesquisa procuramos conhecer como isso se deu e quem foram os primeiros escritores e de que se tratavam as doutrinas formuladas para a igreja. Ainda nos pais, veremos como e porque a filosofia foi introduzida no meio cristão. Dos primeiros pais vamos para Agostinho, conhecido e consultado por sua teologia e seus escritos, porém nem sempre lembrado por ter sido um pastor dedicado que fazia teologia pensando no crescimento da igreja. No período medieval, adentraremos em uma teologia feita a partir dos mosteiros e nas universidades, um período de grande contribuição teológica e intelectual, porém, onde parece que a figura do pastor ficou ofuscada e os destaques passaram a ser dos teólogos e mestres que não estão diretamente ligados aos cuidados da igreja.

Por último, abordaremos o compromisso do pastor com a palavra de Deus e a importância de uma formação teológica para as pessoas que acreditam terem um chamado pastoral, pois, como Mohler afirma: “todo o pastor tem um chamado à teologia” ([s.d.], p.5).

Os Pais da Igreja, as Raízes da Teologia Cristã e do Ofício Pastoral;

Como homens comprometidos com a evangelização e ao mesmo tempo perseguidos tiveram tempo e disposição para escrever sobre doutrinas e estudar as Escrituras de forma a entendê-la para passar aos fiéis de modo claro, seguro e preciso?

Estudando os pais da igreja poderemos entender como e porque a teologia começou a ser formulada. Sabemos que a bíblia fala dos pastores, no entanto o

apostolo Paulo deixou presbíteros nas igrejas onde fundou. E pelo que nos parece, estes presbíteros eram considerados os pastores da época. Não tinham como regra eleger um só presbítero, pelo contrário, na época, era comum que os presbíteros fossem anciões e estes eram mais de um (SHELLEY, 2004, p. 78). Vanhoozer e Strachan (2016, p. 100), afirmam que muitos pastores que precederam aos da atualidade, tiveram que resistir às pressões tanto culturais como teológicas. E assim, assumiram a o ofício teológico pastoral como vocação para comunicar a Cristo.

O termo pai ou padre foi empregado aos bispos que presidiam as igrejas de uma cidade, no início da história da igreja. Com o passar do tempo este termo foi empregado aos presbíteros e àqueles que combatiam as heresias contra a fé cristã através de seus escritos (KLEIN, 2007, p. 57). Na carta de Clemente de Roma aos coríntios não há uma clara distinção entre bispo (pastor) e presbítero, mas, segundo ele, a autoridade destes vem dos apóstolos que por sua vez receberam-na de Cristo (KLEIN, 2007, p. 63). Já o termo Pais da igreja, com o conceito que temos hoje, foi atribuído mais tarde a autores cristãos de teologia ortodoxa, reconhecidos pela igreja nas questões doutrinárias e que são exemplos de perseverança e santidade (KLEIN, 2007, p. 58).

Quando falamos de pastor é preciso ter em mente uma figura que faz parte da organização da igreja. No caso da antiguidade ele era chamado de bispo e hoje, de forma geral, chamamos de pastor, e ao que nos parece desde o apóstolo Paulo já havia esta preocupação. Ele ao fundar igrejas preocupava-se em deixar líderes, quais eram chamados de presbíteros e diáconos (SHELLEY, 2004, p. 78). A tarefa, dos presbíteros, consistia em cuidar da doutrina e da disciplina dos que iam se convertendo, em quanto os diáconos ajudavam os presbíteros nas demais atividades eclesiais. Segundo Shelley, Inácio, o pastor de Antioquia, escreveu uma série de cartas falando da importância de um único bispo em cada igreja, um grupo de presbíteros e um grupo de diáconos, não se sabe ao certo como este bispo (pastor) assistido pelos presbíteros se tornou modelo das igrejas e este modelo levou alguns anos até ser adotado por todas as igrejas (2004, p. 78,79). Na verdade não é tão evidente como esse sistema de organização foi adotado pela igreja; não houve nenhum decreto definitivo dado a igreja antiga que tenha levado a formação desse sistema eclesial (VANHOOZER; STRACHAN, 2016, p.102,103). Contudo, este, é o modelo adotado pela maioria das denominações até o dia de hoje. Com algumas exceções e modificações no quadro eclesial.

Elaborando teologia;

Podemos considerar que os primeiros teólogos do cristianismo foram os pais apostólicos. Eles escreviam a fim de exortar, encorajar e instruir a igreja após a morte dos apóstolos (OLSON, 2001, p. 67). Para os primeiros bispos as Escrituras eram como água no deserto. Viam-se como mestres do povo e assim responsáveis por conhecer as doutrinas bíblicas e ensiná-las, desta forma seria impossível se afastarem do povo para realizarem seu trabalho teológico. Sua oportunidade estava em estudar para os sermões e assim fazerem um trabalho teológico e exegético profundo (VANHOOZER; STRACHAN, 2016, p. 101).

Ao contrário do que se possa pensar a teologia não inventa doutrinas. Ela examina as crenças já existentes entre os cristãos. Os apóstolos, por exemplo, cada vez que eram informados de que estava ocorrendo crenças erradas entre os cristãos escreviam cartas para esclarecer e corrigir o ensino. Assim, sucedeu com os líderes posteriores da igreja. Por volta do ano 95, Clemente bispo principal em Roma, escreveu uma carta aos crentes de Corinto, seguindo o exemplo dos apóstolos, para corrigir suas crenças e comportamentos (GRENZ; OLSON, 2006, p. 58)., e assim como ele, muitos outros pastores principais passaram a escrever para combater as falsas doutrinas que invadiam as igrejas.

Um exemplo claro do que falamos até agora foram as ideias e pensamentos do gnosticismo, a qual pode ser considerada como a principal heresia que atacou as igrejas com suas crenças de que Deus não poderia ter criado a matéria, pois esta é maligna, e que Jesus não era Deus e sim um mensageiro e não teria morrido na cruz. Não havia como os líderes da igreja ignorarem tal situação. Foi elaborando repostas para tais situações, através da reflexão teológica (GRENZ; OLSON, 2006, p. 58).

Um dos primeiros pastores-teólogos foi Irineu, bispo de Lião. Suas principais obras foram: *Contra heresias* e *Demonstração da pregação apostólica*. Com Tertuliano ele formulou a Regra da fé. Sendo um resumo de toda a narrativa de salvação. Para Irineu era o mínimo que um cristão deveria crer para conhecer a verdade. Acreditava que teologia não era um exercício de especulação intelectual mas, um assunto de vida e morte (VANHOOZER; STRACHAN, 2016, p. 101,102). Sobre as heresias os escritos de Irineu foram tão convincentes que os gnósticos tiveram que lutar para manterem sua credibilidade (GRENZ; OLSON, 2006, p. 58). Porém, este ataque ao gnosticismo não foi de maneira racional e fria como esperaríamos de um bispo ou teólogo na atualidade. Ele considerava o gnosticismo

estulto e sinistro e queria desmascará-lo, dizia que era a corrupção do evangelho disfarçado de sabedoria para pessoas espirituais(OLSON, 2001, p. 69,70).

Logo depois de Clemente e Irineu, a igreja achou necessário designar alguns cristãos para inspeção dos ensinamentos e ideias cristãos e julgar se eram saudáveis ou não, assim sendo, nos primeiros séculos quase todos os líderes, sacerdotes e monges, eram teólogos, e uma função não era distinta da outra. (GRENZ; OLSON, 2006, p. 58).

Desde o início da igreja o objetivo da teologia era explicar a fé cristã e refutar heresias. Orígenes foi o primeiro teólogo a apresentar uma estrutura intelectual da fé. Primeiros Princípios foi seu primeiro trabalho e nunca houve necessidade de ser revisto. Seu objetivo era o de educar os leitores. Mesmo não desprezando a fé simples dos camponeses, acreditava que a fé deveria ser justificada na mente e coração; só assim, o cristianismo moldaria a civilização. Sempre que a igreja não tinha resposta para alguma questão ele sentia-se livre para especular(SHELLEY, 2004, p. 95,96). Orígenes pode ser considerado o grande sistematizador da fé. Sua obra cobre os principais pontos da fé cristã, desde criação até escatologia. Desde então, foram escritas centenas de obras de teologia sistemática (GONZALEZ; PEREZ, 2006, p. 17).

Mal havia passado a era apostólica e a igreja se deparou com a necessidade de formular uma teologia para que o evangelho pudesse ser apresentado de maneira clara e racional e no mundo antigo isto significa ter de dialogar com a filosofia grega e autores pagãos (SHELLEY, 2004, p. 87).

Quando a igreja começou a pregar no meio do império Romano e sua cultura greco-romana, eram zombados por não terem deuses visíveis. Diante de tais acusações viram a necessidade de uma ponte entre a fé e a cultura da época. Uma destas pontes era o que os filósofos, especialmente Platão, falavam sobre o ser supremo. Segundo os filósofos da época existia um ser supremo e invisível que estava acima de todos os seres. A partir destas afirmações filosóficas os teólogos cristãos; como Justino, Clemente de Alexandria e Orígenes afirmaram que o mesmo Deus dos cristãos era o Ser que os filósofos chamavam de Ser Supremo. Assim, mostraram que a fé cristã não era tão irracional como diziam e adoravam um Ser que estava acima de todos os outros deuses (GONZALEZ; PEREZ, 2006, p. 19).

Agostinho e o Ofício de Pastor;

Agostinho de Hipona, um dos nomes mais ilustres da história da igreja é citado por muitos autores e foi estudado ao longo de toda a história. Com certeza conhecido por sua teologia, seu pensamento e por seu testemunho de antes e depois da conversão. O que às vezes esquecemos é Agostinho antes de teólogo era pastor, e sua teologia era sempre se preocupando com a igreja, com as vidas que estavam em sua responsabilidade. Suas tão famosas obras não foram feitas para serem discutidas por filósofos, eruditos e pensadores, mas, para serem aplicadas às vidas sob seu cuidado. Apesar de ter preferência a vida contemplativa assumiu a igreja e preocupou-se em conduzi-la, conciliando seus ofícios pastorais com os seus dons de mestre, pensador e teólogo.

Agostinho ficou conhecido como um dos maiores pensadores e teólogo a influenciar o cristianismo ocidental. Segundo Klein, ele escreveu 113 obras e 225 cartas (2007, p. 105). A doutrina de Agostinho é muito significativa para o catolicismo, já para os protestantes é a visão que ele tem da graça (SHELLEY, 2004, p. 142). Em 338 após ter voltado da Europa para África e se convertido ao cristianismo Agostinho funda seu primeiro mosteiro ao lado de seus amigos Alípio e Ovídio. Cujos ideais deste mosteiro eram a contemplação. Seus talentos eram muito conhecidos e a com a necessidade de liderança, da igreja de Hipona, a população não lhe deixava em paz.

Ao visitar a igreja de Hipona o bispo Valério que precisava de um sucessor pregou sobre a necessidade de alguém para ser ordenado como sacerdote e pediu a população para que pedisse a Deus que indicasse alguém entre a congregação para ser ministro. A população, então, aclamou Agostinho para ser consagrado (GONZALEZ, 1995, p. 170). Quando foi escolhido para ajudar o bispo Valério, Agostinho tentou resistir alegando que preferia a tranquilidade da vida monástica. Ele sabia das tarefas que o esperavam, teria que lidar com as necessidades objetivas do povo. Mesmo, assim, continua com seu temperamento contemplativo e funda novamente com Alípio seu segundo mosteiro. Porém, seus discípulos serão, mais tarde, bispos em vários lugares da África, deixando, assim o continente marcado como agostiniano (HIPONA, 2006, p. 417,418).

Para que nenhuma outra igreja arrebatasse Agostinho, o bispo Valério faz dele bispo de Hipona. Nesta época alguém que era nomeado bispo de uma cidade não poderia ser transferido para outro lugar e teria que passar o resto de sua vida na cidade onde havia sido designado bispo. Segundo, Gonzalez, por causa destas

responsabilidades Agostinho escreveu uma série de obras que fizeram dele o teólogo mais importante da igreja ocidental desde o tempo do apóstolo Paulo (GONZALEZ, 1995, p. 170–172). Porém, em 426 quando escolhe Padre Heráclio para ser seu sucessor, relembra aos fiéis que uma vez exprimira o desejo de ter cinco dias por semana para poder escrever e rever obras. E assim, Agostinho conseguiu permanecer fiel a sua vocação contemplativa e arranjou tempo para realizar uma obra literária gigantesca, 113 trabalhos, 224 cartas e mais quinhentos sermões. Falava duas vezes por semana na Igreja da Paz (HIPONA, 2006, p. 422).

Com certeza ele foi se não o principal, um dos principais bispos dos primeiros 500 anos de história da igreja. Seu ministério foi teológico, mas estava voltado para homens e mulheres comuns que precisavam do evangelho e frequentavam sua igreja. Suas obras não eram feitas para seus amigos de mentalidade filosófica. Um exemplo disto foi quando escreveu para Jerônimo e lhe disse que não tinha tempo para devaneios teológicos (VANHOOZER; STRACHAN, 2016, p. 103–105). No tempo em que esteve a frente da igreja cuidou profundamente dos negócios da vida e da política da igreja, e foi reconhecido como um dos líderes mais sábios da história da igreja (OLSON, 2001, p. 264).

Como bispo e teólogo, Agostinho constantemente permitia que seus pensamentos fossem moldados pelas necessidades do momento, sob a autoridade da Palavra de Deus. Portanto, quando surgia uma nova heresia, dispunha-se a pensar sua teologia anterior para combatê-la (OLSON, 2001, p. 265). Ele precisava estudar para ministrar e entendia que ministrar era instruir. Para Agostinho Deus havia lhe dado um povo e “Instrução era sua Obsessão”. Para ele o que era correto devia ser encorajado assim, como, o falso corrigido. Não há dúvidas de que Agostinho dedicou-se a transmitir e recomendar o que era certo ao seu povo e leitores. Dizia que ser teólogo não significava afastar-se do povo, mas comprometer-se com ele. Se Agostinho não lhes ministrasse bem um ensino completo tanto encorajando como defendendo a fé, permaneceriam hostis a Deus e indiferentes a própria natureza de suas vidas. Para Agostinho não havia satisfação em só declarar fatos do passado, mas precisava despertar o povo para o que estava ocorrendo no presente e entender suas próprias existências em seu contexto particular. (VANHOOZER; STRACHAN, 2016, p. 103–107).

Ao escrever as confissões, Agostinho, expõe seus sentimentos e conflitos dirigindo-se principalmente a Deus. Mas não esquece o rebanho que lhe foi

confiado. “Quem sou eu neste exato momento é o que desejam saber muitos. Mas para que desejam saber isso? Para congratular-se contigo, ó Senhor, ouvindo como eu avancei por obra Tua pelo Teu caminho, e para rezar por mim, sentindo quanto meu peso me faz retardar o passo. Se assim for, é para esses que falo” (HIPONA, 2006, p. 411).

O Ofício do Pastor no Período do Escolasticismo e Monasticismo.

O período medieval trouxe uma enorme contribuição teológica para a história e desenvolvimento do cristianismo. Porém a teologia que antes era feita por pastores que cuidavam de suas igrejas. E que antes formulavam teologia para alertar e guiar seus rebanhos, como vimos nos textos acima. Neste período ganha uma nova roupagem. O monasticismo é a opção mais eficaz para os santos da época que vem a vida reclusa como uma forma de se achegar a Deus e abandonar toda e qualquer imoralidade. E as escolas catedrais tornam-se universidades onde a teologia é desenvolvida e torna-se o padrão de erudição. O que notamos, porém, ao estudarmos este longo período, é que os líderes de destaque que norteiam o conhecimento desta época, não são aqueles que lidam diretamente com a vida cotidiana do povo “os pastores”. Para isso, estudaremos o monasticismo e o escolasticismo e suas contribuições, mas também seu distanciamento da vida cotidiana.

No período medieval a concepção do ofício de pastor veio a mudar muito de característica. E estamos falando de mais ou menos 1000 anos de história da igreja. Assim procuraremos nos deter no movimento monástico e no escolástico. Quando os invasores Islâmicos tomaram Jerusalém em 638 até 1009 quando, então, foi retomada, a teologia era trabalho quase que exclusivo dos monges. Para eles fazia parte de uma vida de contemplação e devoção; a leitura da bíblia, o estudo dos pais da igreja e a literatura clássica(GEORGE, 1993, p. 42).

Com a conversão de Constantino houve uma invasão barbara nas igrejas, a crescente imoralidade foi percebida principalmente entre os nobres da época, o que levava a uma descrença em uma reforma social(FERREIRA, 2013, p. 115). Mesmo não questionando os motivos da conversão de Constantino, era fato que com sua conversão houve um declínio da fé cristã. Cristãos que antes entregavam a vida pela verdade, agora lutavam entre si para alcançar privilégios da igreja(SHELLEY, 2004, p. 135). Então, pode-se considerar em parte que o monasticismo foi uma reação

contra a secularização da igreja. Sendo uma alternativa de refúgio para aqueles que estavam revoltados com a decadência da igreja na época. Tornando-se o ideal para quem buscava uma vida de oração e de devoção. Considerada impossível fora dos mosteiros(MCGRATH, 2008, p. 226). Assim muitas pessoas desta época abandonaram a vida cotidiana para viver nos mosteiros. No início do movimento monástico as pessoas abandonavam a suas vidas em função de viveram uma vida de reclusão, cujo único objetivo era viver face a face com Deus. Houve aqueles que abandonaram suas posses e foram viver uma vida de peregrinação ou solidão, com o tempo foram criadas as ordens monásticas, essas impediam que os monges vivessem sozinhos e sim em mosteiros, assim, também, as mulheres poderiam viver uma vida de reclusão em mosteiros femininos, onde havia mais segurança. A ênfase em todos eles sempre foi a pobreza, castidade e obediência ao abade e ao papa. Com as ordens monásticas os mosteiros começaram a servir de grande utilidade para a igreja. Nos séculos V e VI, quase todo líder de igreja estava intimamente ligado ao monasticismo ou era monge. “A célula monástica tornou-se um gabinete de estudo e os monges tornaram-se estudiosos”(SHELLEY, 2004, p. 143,135).

Já do século XI ao XV podemos considerar um período muito importante para os teólogos, pois este foi um período de grandes realizações no campo do saber. Universidades foram criadas por toda a Europa, o que deixou uma herança para cultura ocidental inestimável. As escolas catedrais se tornaram universidades espaço de produção e saber. Aqueles que ingressavam na universidade, após completar o estudo do trivium (constituído de gramática, retórica e lógica) e do quadrium (constituído de aritmética, geometria, astronomia e música), estudavam direito, medicina e teologia. Entre 1080 e 1500, foram fundadas na Europa mais de cinquenta universidades(FERREIRA, 2013, p. 123,124). As universidades revelam uma profunda fome de conhecimento de Deus vinda de todas as partes. Sua tarefa era entender e explicar a luz da verdade revelada de Deus.

Esse período da história do pensamento cristão é chamado de escolasticismo. Nele emergiu a singular teologia da Idade Média. O objetivo dos escolásticos era a conciliação da doutrina cristã e a razão humana. Também, queriam organizar os ensinamentos da igreja em um sistema ordenado. O tempo era dedicado por inteiro a curiosidade intelectual(SHELLEY, 2004, p. 220). A teologia escolástica pode ser definida como tentativa de unir ideias de escritores filosóficos gregos e das Escrituras, dos textos dos pais da igreja e de outras obras cristãs dos

primórdios do período medieval, com a finalidade de formar um sistema doutrinário claro e definitivo(FERREIRA, 2013, p. 125). A marca da educação medieval foi viver religiosamente de maneira estudiosa. Contudo o acesso ao conhecimento era limitado ao clero. Beneditino de Núrcia incentivava os monges para lerem e estudarem em prol do seu desenvolvimento espiritual. Já Carlos Magno criou um decreto por meio do qual todo monastério deveria ter uma escola para que toda aquele que desejasse uma ajuda de Deus pudesse aprender(SHELLEY, 2004, p. 221).

Nesse período veremos alguns nomes de destaque, como Anselmo que foi considerado um gênio primitivo da escolástica e também o fruto mais maduro da escola monástica. O fato era que Anselmo estava na encruzilhada da cultura monástica com a escolástica. Sua teologia inicia com a fé continua com o entendimento indo para a razão. É conhecido pela expressão: “não preciso entender para crer, mas creio para entender”(GEORGE, 1993, p. 43). Apesar de ter sido arcebispo de Cantuária algumas de suas obras foram escritas em um exílio voluntário(GONZALEZ, 2004, p. 152). Pedro Aberlado era um renomado professor de Teologia e Filosofia na escola catedral na cidade de Paris. No campo da filosofia sua principal obra foi Dialética(GONZALEZ, 2004, p. 162). Foi monge na abadia de Saint-Denis. Ao contrário de Anselmo entendia que nada pode ser crido antes de ser entendido. Algumas de suas preposições foram condenadas como heréticas(FERREIRA, 2013, p. 126). Pedro Lombardo foi professor na escola catedral de Notre Dame. Combinou a tradição meditativa de Anselmo com o método dialético de Abelardo. Sua obra foi fundamental para instrução teológica na Idade Média. E foi ele o primeiro a destacar os sacramentos(FERREIRA, 2013, p. 126). Foi consagrado bispo na cidade de Paris, porém, morreu um ano depois. Sua principal obra foi Sentenças a qual foi dividida em quatro livros, mais do que uma peça de construção teológica nela se encontram compilações de autoridades tratando de cada questão(GONZALEZ, 2004, p. 172). Alberto Magno foi monge dominicano e ensinou entre outras na universidade de Paris. Foi nomeado bispo, mas renunciou em prol da docência. Foi o primeiro intelectual medieval a aplicar a filosofia aristotélica ao pensamento cristão(FERREIRA, 2013, p. 126). E finalmente, Tomás de Aquino, monge Dominicano, que havia nascido nobre e tinha uma mente brilhante, honrava a razão acima de todos os outros atributos humanos, distinguindo-se por sua fidelidade a igreja e por sua erudição(SHELLEY, 2004, p.

226). Ele harmoniza a filosofia de Aristóteles com o consenso patrístico, conforme havia sido introduzido por Agostinho(GEORGE, 1993, p. 43). Suas principais obras foram, a Suma teológica e a Suma contra os gentios. Ele afirmava que a fé cristã tem uma teologia fundada na revelação e uma filosofia ancorada no exercício da razão. As duas formam uma síntese, a medida que estão unidas em uma só verdade, a mesma para fé e para razão(FERREIRA, 2013, p. 126).

O monasticismo como a escolástica, deixaram um imenso legado para teologia e cultura cristã. Não há dúvidas que os homens de destaque desta época eram estudiosos, eruditos e que estavam até a frente de seu tempo. Suas obras são dignas de serem estudadas e consultadas nos dias atuais e muitas estão até mesmo longe de serem contestadas. Suas vidas e obras nos servem de incentivo na busca intelectual, não só no campo científico, mas principalmente no estudo teológico. Porém o que nos parece faltar nesta época, referida acima, foram pastores formadores de opinião e principalmente teólogos. Analisando os nomes que colocamos em destaque desta época, praticamente nenhum deles dedicou tempo para conduzir a igreja, ou se dedicou foi um tempo muito curto, aparentemente pastores de igrejas nesta época não tiveram o mesmo destaque. Strachan ao escrever O Pastor como teólogo Público, juntamente com Vanhoozer (2016, p. 109), fala que a tendência do ministério pastoral desta época era tornar-se parte do ministério prático. Segundo ele, líderes como Gregório I, Bernardo de Claraval e Francisco de Assis haviam treinado seus seguidores para adotar um ministério mendicante e realizar obras. Dessa forma muitos líderes do passado se viram menos teólogos e mais como assistentes espirituais.

Ensino da Igreja a partir de pastores bem preparados

Muitas igrejas têm reduzido a vida ministerial dos pastores em uma intensa administração de pessoas e atividades. Em que a palavra das Escrituras Sagradas pode ficar comprometida. Pelo infindável número de atividades que a agenda do pastor se tornou. A pergunta é: Como um pastor pode reverter esta situação para que o ensino da igreja não perca a qualidade? Da Silva(2014), em seu artigo, Jesus, o bom pastor enquanto modelo e formação pastoral diz que: Cristo, “O Bom Pastor” confiou aos apóstolos a missão de pregar o evangelho a todos os homens, transmitindo-lhes a fé além, de revelar, anunciar e aprofundar a vocação cristã.

Talvez pudéssemos supor com isso que pregar ou ensinar a palavra seja a principal função do pastor.

É bem verdade que todos os compromissos fazem parte das tarefas do pastorado. Porém a energia e tempo destinados às tarefas devem ser distribuídos por ordem de importância. E algumas atividades podem até mesmo serem delegadas, para que o pastor tenha condições de se dedicar ao seu principal atributo que o é de levar a igreja a toda a verdade de forma teológica clara. Josh Moody, no livro *O Pastor Como Teólogo Público* (VANHOOPER; STRACHAN, 2016, p. 55) defende que, a tarefa principal do pastor é pregar a Palavra, em qualquer situação. Seja no púlpito, nos hospitais, em pequenos grupos ou conversas pessoais. Swindoll (2012, p. 63–68) concorda e vai mais além, segundo ele a igreja não precisa de artifícios para atrair pessoas, mas precisa ensinar verdades bíblicas, pregar com ardor e viver com autenticidade.

Os pastores e a igreja precisam estar cientes de que a pregação e o ensino da Palavra precisam de qualidade. É tarefa primária do pastor, manusear bem as Escrituras. A verdadeira proclamação do evangelho precisa causar mudanças radicais na vida de seus ouvintes. Mudanças no caráter, na justiça e nas perspectivas das pessoas. Mas o que temos visto, em alguns lugares, são shows onde o pastor mais parece um ator que está entretendo um público do que alguém que está exortando e ensinando a verdade do Evangelho (SANTOS, 2015). É comum vermos sermões cheios de emocionalismo. Isso capta o coração do povo, mas não gera mudança no caráter nas pessoas. Segundo Colin Buckland (2003, p. 56), “Responder a um apelo entusiástico para servir a Deus, movidos por nossas emoções pode ser algo vindo de Deus. Entretanto, pode constituir uma reação momentânea que não se sustenta por toda uma vida de trabalho no ministério”.

A preocupação de Swindoll tem outra questão, para ele muitas igrejas estão preocupadas no crescimento do número de membros e na imagem positiva que a igreja poderá passar para atrair mais pessoas. Para isso, então, recorrem para um tipo de marketing, onde a palavra ou sermões são adaptados ao que as pessoas querem ouvir e não ao que elas precisam ouvir (SWINDOLL, 2011). A preocupação dos pastores deve ser de levar o ensino o das escrituras e dessa forma levá-las a Cristo. E deste modo obter um crescimento de entendimento e vivência na palavra e não em números de membros. Uma igreja contagiante é feita por pessoas que estão pautadas por princípios bíblicos e os vivenciam ao ponto de despertar a curiosidade

de outras pessoas(SWINDOLL, 2012, p. 87) . As pessoas só conseguirão contagiar outras pessoas para Cristo através de suas convicções nas Escrituras. De maneira nenhuma haverá crescimento saudável usando das mesmas ferramentas do mundo.

O pastor precisa ter em mente que ele é uma voz para transmitir o evangelho. É através desta voz que Deus fala ao seu povo. Por isso esta voz deverá ser uma pessoa vocacionada por Deus para tal ofício, pois é um instrumento de Deus. Deve-se ter cuidado em não se tomar o lugar de Deus na pregação, pois é Deus quem fala e não o pregador. Nada é mais vital para igreja do que o culto e dentro dele a pregação. É através da pregação que a fé é gerada e nutrida. Descuidar da pregação é colocar a fé, a igreja e a teologia em risco(ADAM, 2013). Assim, o pastor deve ser conhecido por aquilo que ensina, sabe, afirma e acredita. A saúde da igreja depende de pastores que instruem suas congregações com convicção bíblica e teológica profunda. E o meio de transmitir, esta convicção, é através da pregação da Palavra de Deus. O ministério da pregação é o exercício teológico de expor as Escrituras. Congregações com princípios, ambíguas supostamente tiradas da bíblia estão condenadas a imaturidade espiritual (MOHLWR, p.6,7, s/d).

Desta forma podemos acatar o conselho ou a verdade de que de todos os do pastor talvez o mais importante seja o ensino da palavra. Sabemos que pastorear não consiste somente em sermões. Mas levar as pessoas a toda a verdade através do ensino das Escrituras. Isso se faz com sermões para grandes multidões, para pequenos grupos e até individualmente.

Formação Teológica para pastores.

“Todo pastor tem chamado para teologia” essa pode ser uma afirmação que cause surpresa a alguns pastores que vem a teologia somente como uma disciplina acadêmica. A saúde da igreja depende que seus pastores permaneçam como que teólogos ensinando, pregando, defendendo e aplicando a doutrina da cristã. O fato de muitos pastores não verem a teologia como vocação tem causado muitos danos a igreja. Em muitos casos o conteúdo teológico foi varrido do ministério do pastor, e alguns pastores por sua vez parecem ter pouca conexão com a vocação teológica. A vocação do pastor é inerentemente teológica. Pois, pelo fato de que o pastor precisa ser o professor da Palavra de Deus. A ideia do pastorado como um escritório não teológico é inconcebível no Novo Testamento. E é mais evidente quando Paulo

incentiva Timóteo e seus pastores a respeito da leitura, ensino, pregação e estudo das Escrituras (MOHLWR, p.9, s/d).

Não é de hoje que vemos pregadores que se auto intitulam ungidos e alegam que é só abrir a bíblia e o Espírito Santo lhe da revelação da Palavra, isto nos mostra tanto o despreparo como a irresponsabilidade destes “mensageiros de Deus”, visto que a Palavra de Deus contém uma mensagem de vida e morte eterna. Podemos imaginar um cirurgião que vai realizar um transplante de coração e sem conhecimento dos procedimentos básicos? Haverá alguma chance deste paciente sobreviver, sendo que se trata de um transplante de um órgão vital, que está sendo realizado por um profissional desqualificado? Seria um caso de polícia. Contudo, o mesmo ocorre quando uma pessoa despreparada que não tem o mínimo de zelo em ouvir e estudar as Escrituras, se atrevem a usá-la irresponsavelmente. Mas o mau uso da Palavra é sinônimo de condenação eterna(SANTOS, 2015, p. 1691,1692).

Vanhoover defende os seminários teológicos como ferramentas onde os pastores obterão conhecimento bíblico e teológico visando entendimento e vivência em Cristo. Não é o lugar para adquirir habilidades que poderão ser obtidas fora dos seminários como falar em público, técnicas de aconselhamento ou pedagógicas. Mas seu objetivo é formar líderes intelectuais que encarnem o amor de Deus. Busca cultivar a sabedoria para o bom manuseio da Palavra e transformar os alunos em pessoas onde a palavra de Deus Habite ricamente. Deste modo os alunos buscam conhecimento para que através deles possam passar conhecimento e fé a igreja (VANHOOZER, STRANCHAN; 2016).

A teologia está intimamente ligada ao chamado pastoral é quase que inseparável um do outro. Muitos pastores cuidam de igrejas baseados em seu carisma e habilidades. Mas não dizer que estão sendo responsáveis com a parte do corpo de Cristo que está em seus cuidados. A formação teológica, traz além de conhecimento bíblico condições de interpretá-lo e assim poder passá-lo para a igreja. Sem falar nas inúmeras aprendizagens sobre o ministério pastoral que o aluno poderá adquirir. Desta forma podemos afirmar que pastoreio sem formação teológica é um risco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao transcorrermos brevemente a história da igreja mais precisamente nos dias daqueles a quem chamamos de pais da igreja, e fazermos uma análise sobre o que chamamos de ministério pastoral em nossos dias, podemos afirmar que a formação teológica é de vital importância para os que almejam ou sentem-se chamados para tal ministério. O problema de pastores não acharem necessário a formação teológica talvez esteja ligada a uma certa ignorância sobre o assunto que nesta pesquisa tivemos a intenção de solucionar. Identificamos que um erro gritante entre os pastores, mesmo os que cursaram teologia, é o de separar o ministério pastoral da teologia, e achar que teólogos são somente os acadêmicos que ensinam e escrevem teologia.

Ao longo de toda a pesquisa ficou-nos claro que a teologia está entrelaçada ao ministério pastoral quando este exerce a função de alimentar, exortar e guiar o rebanho de Cristo. Claramente podemos verificar que realizarem a reflexão teológica, os primeiros pais, estavam organizando a estrutura da fé. Assim, faziam para que seu rebanho pudesse de forma clara e simples receber instruções a cerca de Deus e o viver cristão. A teologia não foi criada simplesmente para discussões intelectuais mas para ser vivida e causar impacto transformando vidas e sociedades. Até mesmo quando a teologia adentra a filosofia ela procura simplificar e explicar a fé. Fazendo, desta maneira, que o evangelho alcance todas as pessoas, quer os simples, quer os intelectuais. Pastores sem esta consciência e sem este conhecimento podem fazer seu rebanho errar o caminho.

Não há como negar que ao estudarmos a história ficou-nos evidente que o principal atributo do ofício pastoral é ensinar e guiar o povo de Deus a ter uma vida pautada pelos ensinamentos das Escrituras e apresentar direcionamentos e reflexão para os dilemas da sociedade. Podemos dizer que o mesmo deveria acontecer com os ministros ou pastores de nossos dias. Porém, o que temos visto são sermões cheios de emocionalismo e estratégias para encher as igrejas. Podemos entender que se os pastores ou candidatos ao pastorado investissem em formação teológica e em prosseguir nos estudos e ensinamentos teológicos, nossos sermões seriam enriquecidos e a igreja de Cristo cresceria em conhecimento e vida com Deus. Pastores teólogos passam a se preocupar com a maturidade dos cristãos, entendem sua responsabilidade de edificar a igreja com base bíblica e intelectual.

Esperamos que com esta breve pesquisa termos contribuído para o entendimento de que teologia e pastorado devem ser inseparáveis. Também,

esperamos que os trabalhos com esta temática possam ser contínuos, abordando aspectos que neste trabalho não puderam ser aprofundados, afim de contribuir para o incentivo e a conscientização da importância dos pastores terem e continuarem os estudos teológicos. Acreditamos que o maior beneficiado será o reino de Deus, na terra.

REFERÊNCIAS:

ADAM, J. C. **Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação**. Estudos Teológicos, v. 53, n. 1, p. 160–175, 14 jul. 2013.

BUCKLAND, C. **O líder de carne e osso**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

DA SILVA, S. A. **Jesus, o Bom Pastor, enquanto fundamento e modelo da ação pastoral em vista da formação do Reino de Deus**. Revista de Teologia (RevEleTeo). ISSN 2177-952x, v. 8, n. 14, p. 242–261, 2014.

FERREIRA, F. **Igreja cristã na história: das origens aos dias atuais**. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2013.

GEORGE, T. **Teologia dos Reformadores**. São Paulo: VIDA NOVA, 1993.

GONZALEZ, J. L. **Uma historia ilustrada do cristianismo, v.2: A era dos gigantes**. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1995.

GONZALEZ, J. L. **Uma história do pensamento cristão. De Agostinho as véspera da reforma**. São Paulo: CULTURA CRISTÃ, 2004. v. 2

GONZALEZ, J. L.; PEREZ, Z. M. **Introdução A Teologia Crista**. Santo André-SP: Academia Cristã, 2006.

GRENZ, S.; OLSON, R. **Iniciação a Teologia**. 2ª ed. São Paulo: Ed. VIDA, 2006.

HIPONA, A. D. **Confissões**. São Paulo: MARTIN CLARET, 2006.

KLEIN, C. J. **Curso de história da Igreja**. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.

MCGRATH, A. E. **Uma Introdução à Espiritualidade Cristã**. São Paulo: EDITORA VIDA, 2008.

MOHLWR, R. A. JR **The pastor as theologian**, [s.d.]. Disponível em: < <http://www.sbts.edu/wp-content/uploads/2014/01/The-Pastor-as-Theologian.pdf> >. Acesso em: 20 nov. 2016

OLSON, R. **História da teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. São Paulo: Editora Vida, 2001.

SANTOS, R. M. **A decadência da pregação cristã quanto ao seu papel de ser voz profética.** Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. **Anais...2015** Disponível em: <<http://www.anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/453>>. Acesso em: 20 nov. 2016

SHELLEY, B. L. **Historia do cristianismo ao alcance de todos.** São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

SWINDOLL, C. **A igreja desviada.** São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2012.

VANHOOZER, K.; STRACHAN, O. **O Pastor como teólogo público: Recuperando uma visão perdida.** São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2016.